



AGROECOLOGIA URBANA E SAZONAL NA CIDADE DE JUNDIAÍ, SÃO PAULO: BREJO DO RÔ

RODRIGO SOUZA COSTA ZOTTINI; AMANDA ASHLEY BARBOSA; CLARA
CERIONE CANELLATO; CLAUDIO DA CUNHA

RESUMO

Após a Segunda-Guerra mundial o movimento “Revolução Verde” ganhou força no mundo todo. Atualmente, quase 80 anos após esse fenômeno, tenta-se alertar e despertar os produtores e a sociedade para melhores práticas de plantio e consumo, visando reduzir os danos causados pelo uso indiscriminado de agrotóxicos e fertilizantes químicos. O projeto “Brejo do Rô”, localizado entre Jundiaí-SP e Várzea Paulista-SP (área do terreno 1.500m²), após o ingresso na graduação de Gestão Ambiental pela FATEC-Jundiaí e surge como uma resposta consciente às questões da agricultura contemporânea, impactada pela insustentabilidade da “Revolução Verde”. Com foco na adoção do manejo agroecológico, promove uma produção alimentar saudável que respeita os princípios da agroecologia, como defendido por Ana Primavesi. Através de práticas de compostagem, uso de plantas repelentes e atenção à sazonalidade, o projeto demonstra compromisso com a biodiversidade e a saúde do solo, garantindo um ciclo produtivo sustentável e equilibrado. Neste resumo expandido, o escopo é demonstrar os impactos da agricultura urbana a partir da experiência do projeto e destacar a multidimensionalidade do “fazer agroecologia” em contexto urbano. Isso é feito a partir de uma breve contextualização teórica e sobre as origens da horta, ligadas à família do agricultor Rodrigo. Utilizando o princípio de sazonalidade de cultivo para ser possível colher o ano todo, as espécies cultivadas são: antúrios (*Anthurium andraeanum*), copos de leite (*Zantedeschia aethiopica*), helicônias (*Heliconia angusta*), orquídeas (*Orchidaceae*), amora (*Morus nigra*), pitaia branca (*Hilocerius undatus*), banana nanica (*Musa acuminata*), manga espada (*Mangifera indica*), abacate (*Persea americana*), limão (*Citrus limon*), alface (*Lactuca sativa*), rúcula (*Eruca vericaria*) e beringela (*Solanum melongena*). Além da produção de alimentos livres de insumos químicos, um dos efeitos tratados nesse artigo é a diversificação da flora cultiva na horta a partir da agroecologia. Além da produção de alimentos livres de insumos químicos, destaca-se a possibilidade de replicação do modelo agroecológico utilizado e também o uso da área como base futura para a implementação de um centro de educação ambiental não formal inserido na Região Metropolitana de Jundiaí-SP.

Palavras-chave: Agricultura urbana; Sazonalidade; Sustentabilidade; Preservação; Plantio.

1. INTRODUÇÃO

A “Revolução Verde” foi um movimento pós Segunda Guerra Mundial que converteu a agricultura em uma atividade industrial a partir da combinação adubação química e biotecnologia. Ignorando a variedade vegetal e adaptabilidade aos diferentes solos e climas, buscou-se aumentar a produção com o auxílio de irrigação, fertilizantes e defensivos agrícolas. Nesse contexto, iniciou-se o desmatamento e a exploração desenfreada do solo no mundo inteiro. Esse processo resultou no agravamento de diversos problemas ambientais, como o efeito estufa, a compactação do solo e a escassez de água (Primavesi, 2003).

Além desses impactos ambientais, também emergiram outros aspectos e desafios

relacionadas a fome e a produção de alimentos com altos níveis de agrotóxicos. Ana Primavesi enfatiza em suas obras a importância da saúde do solo e dos ecossistemas, apresentando a agroecologia como uma prática que valoriza os processos naturais e a biodiversidade. Um exemplo de sua definição está no livro "Manejo ecológico do solo: a agricultura em regiões tropicais" (Primavesi, 2002), onde aborda a necessidade de integrar conhecimentos ecológicos às práticas agrícolas afim de promover sustentabilidade.

Agora, após quase 80 anos do chamado "Revolução Verde", verifica-se a necessidade de praticar agroecologia em todos os lugares possíveis, como resposta a uma urgência climática, alimentar e social. Com o objetivo de iniciar o plantio de hortaliças e colocar em prática os conteúdos ministrados durante as aulas do curso de graduação em Gestão Ambiental, em julho de 2021 surgem as primeiras mudas plantadas e se inicia a transição agroecológica no quintal de uma residência localizada no Bairro Agapeama, Zona Urbana de Jundiaí-SP. Junto ao desejo de respeitar as leis da natureza e promover a Agroecologia Urbana, cultivo sazonal e impulsionar o comércio local, o graduando em Gestão Ambiental pela Faculdade de Tecnologia (FATEC), e agricultor familiar, Rodrigo Zottini criou o chamado "Brejo do Rô", dando continuidade no trabalho que seus avós fizeram cultivando flores e frutos na mesma propriedade em meados do ano 2000.

Esse relato de experiência procura mostrar a potencialidade da agricultura urbana agroecológica e a expansão dos saberes familiares. Além disso, buscou-se retratar como a agroecologia pode possibilitar uma cidade mais sustentável e frear a expansão urbana, sobretudo através da especulação imobiliária.

2. RELATO DE CASO/EXPERIÊNCIA

Atualmente podemos considerar o Brejo do Rô um sistema agroflorestral de pequeno porte, porém anos atrás a situação era diferente. O início do cultivo foi feito por Dodomila e Argemiro, com predominante foco em flores de corte para venda. Eram plantados antúrios (*Anthurium andraeanum*), copos de leite (*Zantedeschia aethiopica*), helicônias (*Heliconia angusta*) e orquídeas (*Orchidaceae*). Além disso, haviam árvores frutíferas e canteiros para plantio de batata no espaço.

Nesse período as práticas de manejo utilizadas tinham forte base agroecológica, mas ainda eram feitas práticas convencionais. Os fundadores da horta utilizavam compostagem feita na própria horta, cobertura vegetal de solo e, ocasionalmente, faziam uso de adubo químico. Desse modo, é possível pensar que Dodomila e Argemiro estavam mais familiarizados com uma agricultura convencional, mas possuíam conhecimentos sobre as práticas agroecológicas. A segunda geração da família não seguiu as práticas de cultivo de flores e foi para o mercado de trabalho "convencional", em empresas privadas. A retomada da horta se deu quando senhor Argemiro adoeceu e Rodrigo, neto dos fundadores da horta, retomou o cultivo com sua avó. Com a terceira geração, a horta passou a, de fato, ser tratada como um espaço de fazer agroecologia.

Rodrigo implementou na horta algumas práticas agroecológicas que já conhecia: cobertura vegetal do solo, poda das árvores do entorno, compostagem, cultivos consorciados e não utilização de agrotóxicos e adubos sintéticos. A partir do ingresso no curso de Gestão Ambiental, na FATEC Jundiaí, ele passou a aprofundar seus conhecimentos teóricos sobre agroecologia. O ingresso à universidade o permitiu conhecer estudos como os da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa) e do Centro de Pesquisa em Agricultura Sintrópica (CEPEAS).

Atualmente, o Brejo do Rô se tornou um espaço de resistência em meio urbano. Enquanto os vizinhos, proprietários da época de seus avós, parcelaram os terrenos e venderam as partes da propriedade para novas casas, Rodrigo e a família conseguiram manter as árvores e as fontes de água no terreno, com a manutenção da área do "brejo". Essa preservação foi

possível, uma vez que o espaço foi entendido como uma possibilidade de geração de renda e conservação do meio ambiente.

A metodologia utilizada para as plantações do Brejo é o manejo agroecológico: utilização de técnicas de compostagem dos resíduos orgânicos domésticos, canteiros com espaçamento adequado, solo coberto de matéria orgânica (serrapilheira) para manter a umidade e regular temperatura, o não-uso de pesticidas e agrotóxicos, uso de plantas repelentes como manjerição, hortelã, técnicas de preservação das plantas como quebra-vento e o respeito à sazonalidade dos alimentos. O trabalho do agricultor vai além da manutenção da horta, pois ele planta, cultiva, colhe, embala e entrega os alimentos em domicílio aos clientes.

Nesse sentido, é possível observar que algumas práticas da primeira geração do Brejo foram mantidas e ampliadas, como a cobertura vegetal do solo e a compostagem. Outras, como a utilização de adubações químicas, foram deixadas de lado e substituídas por outros princípios agroecológicos, como o consorciamento de espécies para a maximização da produção e absorção dos nutrientes do solo e utilização de quebra-ventos para proteção da umidade do solo. Ademais, outro princípio agroecológico implementado foi a sazonalidade.

Tabela 1. Práticas feitas pela 3ª geração do Brejo, em relação ao que era feito pela 1ª geração

Práticas de Manejo	3ª geração do Brejo
Suspendidas	Uso de pesticidas e agrotóxicos
Ampliadas	Compostagem, cobertura vegetal do solo
Implementadas	Consortiamento de espécies, utilização de quebra-vento, plantio de árvores para poda e geração de matéria orgânica.

Segundo Primavesi (2003), “a base da agricultura ecológica é a máxima diversificação da capa vegetal”. Isso significa dizer que, para a manutenção de um solo e ecossistema saudável, é necessário diversificar a produção. Tal ideia tem sido implementada no Brejo do Rô através do respeito ao princípio da sazonalidade, ou seja, a ideia de que cada alimento tem seu período ideal de plantio, manejo e colheita. Desse modo, podemos observar a produção de alimentos no Brejo de acordo com a tabela 2.

Tabela 2. Indicativos de produção por sazonalidade.

Espécies	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ
Couve (<i>Brassica oleracea</i>)	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
Taioba (<i>Xanthosoma sagittifolium</i>)	X	X	X	X	X						X	X
Peixinho da horta (<i>Stachys bizantina</i>)	X	X	X	X					X	X	X	X
Chuchu (<i>Sechium edule</i>)	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
Banana nanica (<i>Musa acuminata</i>)				X				X	X	X	X	X
Orégano (<i>Origanum vulgare</i>)	X			X	X	X	X	X	X	X	X	X

Pitaya branca (<i>Hilocerius undatus</i>)	X	X	X									X
Alho poró (<i>Allium ampeloprasum</i>)	X								X	X	X	X
Copo de Leite (<i>Zantedeschia aethiopica</i>),				X	X	X	X	X				
Antúrio (<i>Anthurium andraeanum</i>)	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
Helicônia (<i>Heliconia angusta</i>),					X	X	X	X				
Orquídeas pingo de ouro (<i>Oncidium varicosum</i>)	X	X							X	X	X	X
Manga espada (<i>Mangifera indica</i>)	X									X	X	X

Além da diversidade de verduras, legumes, frutas, ervas e temperos, atualmente o Brejo do Rô também produz pães de fermentação natural, geléias e compotas. Isso faz com que parte do que é produzido seja beneficiado para aumentar o valor agregado e a renda com o que é produzido no espaço. Outra estratégia de comercialização utilizada é o plantio de culturas anuais com culturas sazonais. Por exemplo, os antúrios (*Anthurium andraeanum*) são flores perenes, o que possibilita a sua venda complementando o período em que outras flores não estão prontas para colheita, como ocorre na baixa da safra do copo de leite (*Zantedeschia aethiopica*), helicônia (*Heliconia angusta*) e orquídeas (*Orchidaceae*), caso que se repete tanto com as frutas e hortaliças.

Figura 1 – Arquivo Pessoal. Alimentos produzidos



O processo de cultivo do sistema agroflorestal de pequeno porte que ocorreu na área foi uma etapa que necessitou grande acompanhamento e cuidado durante longos períodos. Com isso, foi possível chegar a uma etapa em que o adubo é produzido no próprio sistema, o que gerou economia de insumo e aumento de necessidade de manejo.

Nesse sentido, o principal aprendizado da área foi que para um melhor cuidado da horta é necessário estabelecer um sistema de trabalho coletivo. Ademais, também foi possível observar como o local mantém a biodiversidade, com a recuperação de uma antiga nascente, avistamento de pássaros se alimentando das frutas, berçário de anfíbios no “brejo” e presença de répteis e muitos insetos.

3. DISCUSSÃO

A lógica que opera a partir da “Revolução Verde” tenta legitimar as monoculturas e a mecanização em larga escala, as quais são acompanhadas por herbicidas e queimadas (Primavesi, 2003). Nesse processo, substituem-se a mão de obra humana e a matéria orgânica por sintéticos, feitos em oficinas ou laboratórios, e disso decorre a “migração de bilhões de pessoas para as cidades e as favelas.” (Primavesi, 2003). Frente a esse processo de escalabilidade da agricultura e transformação de alimentos em *commodities*, há um outro lado: a agricultura urbana e a agroecologia.

Entendemos a agroecologia, neste trabalho, como a possibilidade de melhores práticas de manejo da produção agrícola e cuidado frente aos efeitos drásticos que a monocultura traz ao solo e ao clima. Nesse sentido, o Brejo do Rô é uma tentativa de agricultura alinhada à agroecologia e melhores possibilidades de manejo. Para além dos benefícios do plantio agroecológico – como a manutenção da saúde do agricultor, do solo, da água e dos consumidores –, a produção se revela como uma forma de gerar renda e resistir às pressões urbanas impostas pela especulação imobiliária.

A agricultura urbana e periurbana (AUP) se difere da agricultura em meio rural à medida que está localizada nos centros urbanos, está mais próxima aos mercados consumidores – o que permite encurtar a cadeia de valor –, possui resultados para além da produção de alimentos – como pedagógicos, culturais, terapêuticos, ativistas, de lazer e de saúde – e não conta com um único perfil de “agricultor” (FGV, 2020).

Nesse sentido, podemos entender o Brejo do Rô como um espaço de agricultura urbana, uma vez que se localiza na fronteira dos municípios de Jundiaí e Várzea Paulista (SP), está próximo de seus consumidores e é realizado por um jovem agricultor, que morou sua vida toda em contexto urbano. Em relação aos resultados para além dos alimentos, o Brejo do Rô é uma área de geração de renda do agricultor e sua família, encurtamento da cadeia de consumo, reconexão com a natureza, melhora na alimentação e preservação da fauna, flora e recurso hídrico.

Isso nos leva a entender que o Brejo do Rô acompanha tendências já identificadas pelo meio acadêmico quanto à multidimensionalidade de seu papel. Segundo proposto pela FGV (2020, p. 22), a AUP possui quatro principais dimensões: social, econômica, humana e ambiental. Essas quatro dimensões estão presentes na manutenção da horta, uma vez que beneficia a família e sua renda, contribui para a partilha de informações e alimentos saudáveis, aumentou a fauna presente no local e preservou o “brotamento” de água no terreno.

Dessa forma, nos parece que o Brejo do Rô é espaço de fazer agroecologia e enfrentar a narrativa produtivista que defende aumento da produção como solução para alimentar as cidades (Moustier *et. al*, 2023 apud Porpino *et. al*, 2025). Com o cultivo na horta, o espaço urbano tem se tornado forma de alimentar e trabalhar. Essa iniciativa revela como é possível que o urbano seja pensado, também, para alimentar quem ali vive, o que se torna ainda mais urgente frente à crise climática e o fato de que 87% da população brasileira reside, hoje, em áreas urbanas (IBGE, 2024 apud Porpino *et. al*, 2025).

No entanto, limitações são enfrentadas, sobretudo, há necessidade de mão de obra com conhecimentos em agroecologia e maior incentivo para que a agricultura urbana seja mantida por parte do Poder Público. No momento, a prefeitura do município não oferece assistência técnica e extensão rural ao Brejo do Rô, nem oferece descontos nos impostos sobre o terreno.

Essa mesma dificuldade tem sido observada em outros municípios, como explicitam FGV (2020) e Porpino *et. al* (2025).

Por fim, podemos observar que o Brejo do Rô segue os quatro itens fundamentais propostos por Primavesi (2003): suficiente matéria orgânica, biodiversidade vegetal, cobertura do solo e controle de vento. O primeiro e terceiro itens são feitos com as folhas e galhos da própria propriedade triturados e compostagem. Já o segundo, é feito com o respeito à sazonalidade dos alimentos e diversificação do cultivo. O quarto princípio é feito com o plantio de vegetação para funcionar como barreira física ao vento, uso de sombrite e plantio de árvores para quebra do sol.

A implementação do Brejo do Rô como estrutura produtiva e agroecológica inserida na macrorregião metropolitana de Jundiaí é um experimento que se mostra como uma alternativa viável e passível de replicação, contribuindo como modelo produtivo e futuramente como centro de multiplicação de conhecimentos e conceitos básicos de educação ambiental não formal.

4. CONCLUSÃO

O projeto Brejo do Rô surge como uma resposta consciente às questões da agricultura moderna convencional. Além de gerar renda, em primeiro lugar, contribui para a construção da consciência coletiva em relação à alimentação saudável e agroecologia. Em segundo lugar, freia a venda do terreno e expansão da malha urbana.

Dentre os desafios da agroecologia, o Brejo do Rô tem limitações como qualquer outro projeto e o principal problema encontrado está no manejo correto da área e das plantas. Atualmente a mão de obra desse trabalho está restrita apenas aos familiares, ou seja, há uma demanda de serviço maior que a oferta de mão de obra especializada. Quando é feita busca por pessoas de fora do sistema para participar das tarefas, dificilmente são encontrados parceiros com as habilidades e conhecimentos agrofloretais para o manejo correto da área.

Em meio a desafios climáticos e sociais, essa experiência agroecológica urbana não só alimenta o corpo, mas também nutre um novo estilo de vida para a comunidade. Brejo do Rô propõe um futuro mais sustentável, onde cada escolha alimentar faz a diferença. Este é um projeto que visa a transição agroecológica da propriedade, ou seja, é um processo que exige manejo, preservação e acompanhamento.

REFERÊNCIAS

FGVCes. Agendas municipais de agricultura urbana e periurbana. São Paulo: FGV, 2020. Disponível em: https://eaesp.fgv.br/sites/eaesp.fgv.br/files/u641/fgvces_agendas_municipais_de_agricultura_urbana_e_periurbana.pdf. Acesso em: 6 mar. 2025.

PRIMAVESI, Ana. Cartilha da Terra. Editora Expressão popular. 1º Ed, 2020.

PRIMAVESI, Ana. Revisão do conceito de agricultura orgânica: conservação do solo e seu efeito sobre a água. *Biológico*, São Paulo, v. 65, n. 1/2, p. 69-73, 2003.

PORPINO, G.; LOURENÇO, C. E.; TANGARI, J. M.; ARAÚJO, C. L. Transição para sistemas alimentares circulares: Um estudo dos stakeholders em cinco cidades brasileiras. *ERA - Revista de Administração de Empresas*, [S. l.], v. 65, n. 4, p. e2024-0185, 2025. DOI: 10.1590/S0034-759020250404. Disponível em: <https://periodicos.fgv.br/rae/article/view/93163>. Acesso em: 6 mar. 2025.

GLIESSMAN, Stephen R. Agroecologia: processos ecológicos em agricultura sustentável.
Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2001.